

APRESENTAÇÃO

A Revista *Perspectiva*, neste número temático intitulado “Leituras: construindo caminhos para a formação do leitor”, buscou ouvir vozes de diferentes formações e lugares sobre o tema, haja vista a complexidade de que ele se reveste.

Assim, foram convidados a participar desta edição estudiosos da leitura e da literatura infanto-juvenil que, além de suas pesquisas no campo da linguagem, vêm atuando na área pedagógica com vistas à formação de leitores que busquem, na construção e produção do sentido de um texto, a interação com o “outro,” o ser cidadão no sentido pleno.

Por essa razão, os diferentes artigos foram ordenados a partir daquele que aborda as concepções de leitura e suas conseqüências no ensino, finalizando com os que, analisando obras representativas da literatura infanto-juvenil, demonstram a riqueza das possibilidades de trabalho com esse material.

Ezequiel Theodoro da Silva desenvolve uma reflexão sobre os conceitos mais comuns de leitura, que encontrou entre os professores com os quais trabalhou, apontando para uma concepção interacionista que implica mudanças de atitudes dos professores na escola.

Também voltada para o trabalho pedagógico, Nilcéa Lemos Pelandré faz algumas considerações sobre os aspectos cognitivos envolvidos no processamento da leitura. São conhecimentos necessários àqueles que se dedicam ao ensino da leitura para compreender a complexidade deste processo e, por conseguinte, possibilitar que, enquanto mediadores, auxiliem o leitor iniciante a fazer a ponte entre os conhecimentos que este já possui e os de que necessita para se tornar proficiente.

Da mesma forma que se faz necessária a mediação de quem ensina no processo de aprendizagem da leitura, na produção textual o mesmo deve ocorrer. Lê-se o que está escrito e escreve-se para outro ler. Nesta perspectiva, Sebastião Votre chama a atenção para os modelos de texto

8 • Nilcéa Lemos Pelandré e Rosa Maria Cuba Riche

que são apresentados às crianças, principalmente na escola, e como essas estruturas lingüísticas textuais acabam influenciando a escrita pessoal. Para este autor, o ponto de partida, no trabalho escolar, deve ser “o texto falado ou escrito, concebido como processo e como produto de atividade integrada e interdisciplinar”. Sugere que a escola do novo século elabore uma nova ecologia da linguagem.

Certamente, tem-se clareza de que são bem-vindas novas atitudes, no ensino formal, para que se promovam as mudanças qualitativas, principalmente aquelas corroboradas por estudos recentes da psicologia, das diferentes áreas do campo da lingüística, sobretudo no que se refere ao desenvolvimento da linguagem verbal e à formação do leitor crítico e criativo. Neste sentido, os Parâmetros Curriculares Nacionais foram elaborados para ser “um referencial de qualidade para a educação no Ensino Fundamental em todo o País”, conforme consta da introdução ao conjunto de fascículos que os compõem. Leonor Scliar-Cabral procedeu uma análise rigorosa do referido documento e as suas observações e sugestões constituem valiosa colaboração aos educadores, notadamente as relativas à formação do leitor. A leitura do artigo será mais proveitosa se se fizer acompanhar dos textos aludidos pela autora.

Muitos dos nossos leitores, provavelmente, estarão se fazendo a pergunta que José Morais, autor de nacionalidade portuguesa, coloca em seu artigo “Preparar para a leitura: ver e ouvir ler”: “como preparar para a leitura a generalidade das crianças, em particular as crianças que apresentam um risco elevado de se tornarem más leitoras?”.

Pesquisas confirmam que a responsabilidade é de pais e educadores. Portanto, façamos uso de nossas possibilidades e dos meios disponíveis, tais como enfatiza, também, Maria Antonieta Cunha, em seu artigo. Ela assegura que “com a responsabilidade inalienável de criar o envolvimento da criança e do jovem com a leitura, a escola precisa definir o lugar que ocupa a literatura, no seu projeto pedagógico”. Esta autora aponta para o trabalho prazeroso com a literatura, livre de avaliação por nota, um trabalho em que a leitura estimule vãos - como os de Joana, personagem de “A menina que aprendeu a voar”, de Ruth Rocha -, desperte sonhos, conforme enfatiza, também, Vânia Maria Rezende em seu artigo intitulado “Literatura e sonho - subversão do olhar”. Somente pessoas felizes, capazes de refle-

xão pessoal e espírito crítico contribuem para a construção de um mundo mais humano; somente essas têm possibilidades de “reinventar o homem”. Rezende, ao analisar diferentes obras da literatura infanto-juvenil, ressalta a função da fantasia do universo da literatura como “fonte de maravilhamento e de reflexão pessoal, fonte de espírito crítico, porque toda descoberta de beleza nos torna exigentes e, pois, mais críticos diante do mundo”, citando Jaqueline Held.

A literatura infanto-juvenil contemporânea vem ganhando um novo *status*, afirma Rosa Maria Cuba Riche. O leitor a que ela se destina passa a ser considerado em sua realidade, mudando-se as relações de produção e, conseqüentemente, de recepção. Observa-se um espessamento da linguagem no tratamento dos temas. As personagens apresentam uma identidade contextualizada por gênero, raça, etnia, preferência sexual, educação e função social e os textos considerados clássicos são revisitados. Segundo Cuba Riche, nos estudos acadêmicos, tais como dissertações e teses, artigos em revistas livros e especializados, no Brasil, a produção brasileira têm figurado “ao lado do que de melhor é oferecido a esse leitor tão especial”, crianças e jovens.

Na mesma linha, segue o artigo de Maria Teresa Gonçalves Pereira. Ela ilustra o quanto de beleza e sedução existe nessa literatura infanto-juvenil, marcada pela riqueza dos recursos lingüísticos de que se utiliza e dos quais também podemos nos servir na produção textual e construção de sentido. Toda essa riqueza de que se revestem muitas das obras da literatura infanto-juvenil contemporânea, se vivenciada de forma prazerosa, “aprimorará o senso artístico e de reflexão crítica numa atitude harmoniosa que conduz ao perfil desejado do indivíduo cidadão”. Este artigo, como os outros, é um convite irrecusável ao mundo da leitura que encanta e que surpreende pelos clarões que se vão sucedendo.

Essa transcendência para o belo, para o novo, para o imaginário, para o fantástico, é vista sob um outro olhar, o de José Carlos Barcellos que, em seu artigo, busca “rastrear a questão filosófica e teológica da finitude do ser humano e da sua vocação à transcendência”. O autor analisa quatro obras da literatura infantil portuguesa, dos anos 20 e 80, mostrando o quanto essa literatura tem de potencial, “enquanto linguagem capaz de articular sentidos, para além da problemática da comunicação com leitores de faixas etárias específicas”.

10 • Nilcéa Lemos Pelandré e Rosa Maria Cuba Riche

Conscientes da importância da leitura e da literatura para a formação de nossas crianças e jovens, têm-se um desafio maior corroborando a afirmação de Moraes: convencê-los de que o livro deva ser “seu companheiro indispensável”. Porque “ler é um ato de soma. Quando você lê, soma a experiência fantasiosa do outro (autor) a sua”, diz o poeta Bartolomeu Campos de Queiroz.

Ler é, pois, somar experiências, dialogar, construir fantasias, penetrar em outros mundos e descobrir silêncios escondidos nas entrelinhas.

Nilcéa Lemos Pelandré
Rosa Maria Cuba Riche